

UMA ESPREITA, UMA SUSPEITA.... UMA ABERTURA

Ruy de Carvalho¹

Debilitado, achando que havia contraído aids, Foucault, segundo Daniel Defert, “não pede nem recebe nenhum diagnóstico”, mas dirigia aos médicos a pergunta: “quanto tempo de vida me resta?” Nestas condições é que as aulas no Collège de France, de 1º de Fevereiro à 28 de Março de 1984, são ministradas a um auditório lotado. Foucault morre em 25 de Junho deste mesmo ano. Sócrates, Platão e os cínicos, vida e morte, escavação de um sítio, de leitos soterrados de um tortuoso rio que aprendemos a chamar de Filosofia. Vemos nascer neste ano duas grandes tradições, duas formas de vida, duas tarefas: a “experiência metafísica do mundo” e a “experiência histórico-crítica da vida”. Nada de dualismo ou mútua exclusão aqui, mistura, encontros em que uma nova gaia ciência vê o arrebol de uma aurora. Vamos!

Foucault nos mostra, seguindo as pegadas da *parresia*, como a “experiência metafísica do mundo” e a “experiência histórico-crítica da vida” poderiam ser consideradas “dois núcleos fundamentais na gênese da experiência filosófica europeia ou ocidental”. Duas maneiras de pensar, de viver, de relacionamento consigo e com os outros, com os dirigentes de Estado, com as assembleias, com as escolas e academias mas também e sobretudo com a alimentação, com a vestimenta, com o corpo. O que ensinavam e como viviam aqueles que chamaremos de metafísicos?

¹ Professor Adjunto de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O que ensinavam e como viviam aqueles que aceitaram ser chamados de Cães e que, por meio de uma torção, acabaram por dignificar o epíteto injurioso? É à e com coragem que Foucault dedica o restante de suas forças, inclusive físicas, para nos mostrar como, na antiguidade, a fala franca e corajosa dos filósofos assumia duas formas que, lentamente, forjarão as duas tendências incorporadas pelas filosofias subsequentes. Generosidade de Foucault, coragem diante da morte, mas igualmente recusa da clandestinidade, do isolamento auto-complacente e auto-piedoso. Não retomarei o texto. Mas não estaria nesta “experiência histórico-crítica da vida” uma das nascentes do rio Daniel Lins? Não poderíamos ver aí o atrito das placas cujo movimento de acomodação e choque provocaria alguns abalos cismicos, como os *Encontros Nietzsche-Deleuze*? Pistas, indícios, invenção também, erro, certamente, mas nada disso importa muito aqui. Uma pequeníssima experiência de pensamento, isso é tudo que tenho condições de fazer agora.

Daniel nos pergunta, em *Estética como acontecimento. O corpo sem órgãos*, quando se confronta com a difícil questão de “como ultrapassar o racionalismo metafísico” : “como advir a pensar sem reificar a consciência, ou sem oscilar no empirismo cético?” Minha sugestão/intuição seria: cinicamente. E, sem oscilar no “empirismo cético”, diria: ceticamente. Seria isso, também isso, que Daniel fez e faz? O contexto em que a pergunta é feita trata das filosofias de Deleuze, Guattari e Simondon, acerca do problema do devir, da individuação, mas também do corpo sem órgãos e de estética como acontecimento. Aparentemente, nada que lembre muito cinismo ou ceticismo. Num outro contexto, ainda com Deleuze, e Nietzsche, claro, sobre o tema do devir, ele afirma: “pensar, dançar são produções marcadas pelo risco, pelo perigo, pela audácia cujo traço maior é a força imperceptível do equilibrista, do dançarino, do filósofo, sempre em devenir;....a *primazia da indeterminação* sobre um propalado começo ou *determinação*.” Não vou me alongar, vocês conhecem os textos de Daniel. Encontro, choque, risco, polêmica, escândalo, atitudes agenciadas naquilo que marca sua filosofia enquanto uma experiência histórica e teórica, por um lado; matriz que tem Nietzsche e Deleuze como intercessores, mas sobretudo aquilo que Badiou chama de a “aventura da filosofia francesa no século XX”; porém, por outro lado, trata-se de uma experiência que também é de vida, feita não apenas com discursos, teorias, doutrinas, mas sobretudo artisticamente, com atitudes, aberturas e vivências. Mas haveria um silêncio eloquente, que grita, talvez. De onde o silêncio de Foucault e Deleuze em relação a Montaigne? Quem silencia? Quem sabe seja, simplesmente, mais um caso de ignorância minha! Mas Montaigne não seria um dos

grandes a iluminar os nós e os cafundós da sisuda questão do autor e de suas máscaras? Não seria ele um dos grandes pensadores políticos da dita modernidade? E a servidão voluntária, que pensar, dizer e fazer com ela? Silêncio francês pós 68! Frequentou-se Montaigne na saideira de Nietzsche e Deleuze!? Após essa embriaguez, não seria revigorante um caldo cético?

Em *O devir-criança do pensamento*, no artigo "Heráclito ou a invenção do devir", Daniel começa como se estivéssemos a muito tempo conversando: "Filosofia do combate e da harmonia, do devir e do eterno retorno, filosofia da vida e da catástrofe". Temas nietzscheanos, sem dúvida, mas igualmente cínicos. Temas esses sempre presentes na obra de Daniel. Um pouco mais à frente, chega a vez da andança, da errância andarilha, ainda uma vez Nietzsche, agora na companhia de Heráclito: "A errância não é ainda uma verdade? Uma verdade sim, mas andarilha que, no estilo heraclitiano, desenvolve-se como pura *travessia*. Uma verdade navegante". Mas Nietzsche, como nos lembra Foucault, mas também Niehues-Pröbsting, afirma numa carta a Georg Brandes, de 20 de Novembro de 1888, sobre o *Ecce Homo*, que este deve ser tomado como um "cinismo que irá se tornar importante para a história do mundo". Desde a conclusão dos estudos em Leipzig, os cínicos parecem ter sido intercessores de Nietzsche, que elabora um projeto intitulado: "Pessimismo na Antiguidade (ou o Resgate dos Cínicos)".

Parece-me que a crítica à moral por meio da criação de novas formas de vida, o trabalho na formatação de um estilo, ao mesmo tempo gestual-ritualístico e retórico-literário e, sobretudo o compromisso inarredável com a "desfiguração da moeda", que em linguagem deleuziana diz-se roubo, gagueira, a grandeza do menor (literatura menor, etc) marcam a trajetória de Daniel. As famosas reversões, inversões, perversões do platonismo não são fundamentalmente obra dos cínicos...? Precisamos esperar por Nietzsche e Deleuze, para isso? E isso não seria expressão teórica, mas igualmente vital, de desfiguração da moeda? Não foram, por outro lado, os cétricos, os precursores do "eu preferiria não", que respira com Bartleby? E a farmacopeia cética, seus tropos, mas também suas vidas no esforço de redução ao mínimo do dogmatismo, não estariam, também em Nietzsche, como se fez a tempo o balancete de dívidas em relação ao ceticismo, presentes como uma espécie de segunda natureza? E de onde viriam as críticas à representação e ao dogmatismo, sem as quais, parece-me, a filosofia de Daniel nem sequer começa? De Nietzsche e Deleuze, claro, mas....não foi isso que retirou os pirrônicos do boteco: a impaciência com a insistência estóica na representação? E os cínicos, não aprendemos com eles, na esteira de Sócrates, mas com as

diferenças postas por Foucault, que filosofar exige, entre outras coisas, fazer do próprio corpo campo de batalha? Eu disse acima: pistas, indícios, odores! Não vi o lobisomen, mas escutei o barulho (como no caso contado por um psiquiatra amigo). E o *estilo, estilete, espora*, como lembra Derrida, não era assim que se paramentava Lampião? Não é assim que se apresenta o filósofo sertanejo: língua estilete, bota, esporão? Ainda Derrida: não se trataria igualmente, nesta tradição, de um "dar-tomar, do dar-guardar, do dar-danar, do golpe de dom."? Quem inventou a brincadeira do desvelamento como velamento? Do esclarecimento como dissimulação? Hildegard von Bingen? Ei!

E *O último copo*? Poderia eu falar dele? Daniel pergunta e responde: "Real, o alcoólatra? Demasiadamente real. Seu tempo é jogo, é combate. Combate? Sim, um combate não direcionado, um combate que é movimento, inclusive quando está parado, marcado por um devir-ilimitado provido de uma rebeldia peculiar, rebeldia da calma. Sempre em combate, sempre contra a guerra." Que distância da metafísica doutrinal da representação! Daniel, novamente, pergunta e responde: "que pode a representação em relação ao alcoólatra e à escrita? Nada."

O álcool e o alcoólatra como excesso, como estrangulamento das margens de manobra da significação. Alcoólatra como devorador de si mesmo, autofágico, cultor da insignificância. E o que dizer da delicadeza silente que costura todo o livro: a amizade? Não reencontramos aqui nossos cínicos? Não seria o filósofo-alcoólatra-cínico uma certa materialização de uma natureza idiota, surda e muda, que não aponta nem quer dizer nada, impossibilitada de sonhar com uma sobrenatureza redentora ou com uma utopia salvadora? Novamente a ascese; Foucault sabia, viveu e disse. Sempre se exercitando, belicoso, às vezes marcial, não reconhecem o retrato? Não nos falava Foucault que o cinismo desempenha o papel de "espelho quebrado para a filosofia antiga"? Quando o filósofo se busca neste espelho não é sempre uma "careta" que ele encontra, uma "deformação violenta"? Desfiguração da fisionomia, da essência e da moeda!

Realmente não sei, não sei mesmo, mas talvez haja algo aqui que precisaria ver com mais calma e cuidado. Acordei e vi o tempo pelo retrovisor. Soou o gongo. Consciente de ofertar tão pouco, sequer um esboço, talvez em espirro ou um espasmo, mas ainda resta um último copo.